

DA AMIZADE ENTRE HOMENS E MULHERES: CULTURA E SOCIABILIDADES NOS SALÕES ILUMINISTAS

On friendship between men and women – culture and sociabilities in the Enlightenment salons

Ana Paula Vosne Martins*

Onde estão nossos dias, quando estávamos todos juntos? Eles afundaram
no ano de 1806. Afundaram como um navio contendo as mais belas
riquezas da vida, os prazeres mais adoráveis.

Rahel (1994, p. 106)

RESUMO

Este artigo tem como objetivo pensar as relações de amizade entre homens e mulheres no contexto do Iluminismo. Tal aproximação de um tema pouco tratado pelos estudos de gênero se deve à leitura do livro “Rahel, a vida de uma judia alemã na época do Romantismo”, escrito por Hannah Arendt e publicado em 1957. Rahel Varhnagen (1771-1833) foi uma mulher bastante famosa na sua época, pelas amizades que fez e também pelo salão que manteve em sua residência por 11 anos, conseguindo criar um espaço cultural no qual as distâncias sociais e de gênero foram reduzidas em favor de uma sociabilidade marcada pela cultura, pela civilidade e principalmente pela amizade. Tomando como referência este livro e a experiência da vida de Rahel, este artigo procura compreender a constituição destas esferas públicas ímpares que foram os salões europeus do século XVIII para pensar nas amizades mistas e heterossociais que aproximaram homens e mulheres.

Palavras-chave: mulheres; Iluminismo; salões; sociabilidades.

ABSTRACT

The aim of this article is to reflect on the friendship relationships between men and women in the context of the Enlightenment. Such approach of

* Professora Adjunto da Universidade Federal do Paraná

an issue that has been seldom dealt with in gender studies arose from reading the book “*Rahel Varnhagen: the life of a Jewess*”, written by Hannah Arendt and published in 1957. Rahel Varnhagen (1771-1833) was a very famous woman in her time, for her friendships and for the social gatherings she entertained at her house for 11 years. She was thus able to create a cultural space in which social and gender gaps were bridged in favor of a sociability marked by culture, civility and, most importantly, by friendship. With this book as a reference and Rahel’s life experience, this article seeks to understand the constitution of these unique public spheres which were the European salons of the 18th century, so as to ponder on the mixed and heterosocial friendships which brought men and women together.

Keywords: women; enlightenment; salons; sociability.

As reflexões presentes neste artigo preparado para o evento comemorativo dos cem anos de nascimento de Hannah Arendt, carecem de uma explicação sobre suas motivações. A proposta do evento em pensar o amor, a amizade e a felicidade como expressões e “formas de sentir e de agir que promovam relações de solidariedade e de pactos consensuados” levou-me a fazer uma análise das relações de gênero a partir de um enfoque incomum na historiografia: a amizade entre homens e mulheres.

Se recorrermos à tradição filosófica e ficcional do Ocidente veremos como a amizade foi considerada um sentimento e um vínculo exclusivo dos homens, por considerar as mulheres incapazes de estabelecer os mesmos vínculos tanto entre elas, quanto entre elas e os homens. Proponho, neste artigo, uma outra interpretação, a de que a amizade mista não só foi como é possível, mas também que o vínculo amistoso entre homens e mulheres num sistema de gênero desfavorável para elas é indissociável da constituição de novos espaços de sociabilidade mais igualitários. Foi pela amizade que homens e mulheres modernos começaram a romper as distâncias culturais que os colocavam em mundos quase que paralelos. Através das relações de amizade novos espaços de sociabilidades foram constituídos num mundo social marcado pelas hierarquias e pelos mais diferentes tipos de preconceitos. Por fim, como pretendemos demonstrar, foi pela amizade que as mulheres começaram a se desamarrar de alguns estreitos limites impostos pela ideologia de gênero, ensaiando novos papéis e se afirmando enquanto indivíduos autônomos no agir e no pensar.

O objetivo deste artigo é tratar das relações de amizade entre homens e mulheres no contexto dos salões iluministas tomando como ponto de partida o livro “*Rahel, a vida de uma judia alemã na época do Romantismo*”, escrito por Hannah Arendt na década de 1930 e publicado em 1957.¹ Trata-se da biografia de Rahel Varnhagen, uma judia alemã que nasceu em 1771 e faleceu em 1833, bastante famosa na vida cultural de Berlim tanto pelas relações de amizade registradas na sua intensa correspondência, quanto por ter mantido um salão freqüentado por políticos, artistas, escritores, diplomatas, enfim, como explica Arendt, todas as pessoas que “contavam na sociedade” freqüentaram o seu pequeno, mas movimentado salão.

O livro segue o fluxo da memória e dos pensamentos de sua personagem principal. Arendt afirma que não foi seu objetivo escrever uma história social das mulheres, nem explicar o lugar de Rahel no romantismo alemão, mas narrar a vida de Rahel como ela própria poderia ter feito. Ao procurar escrever uma biografia como se fosse uma autobiografia, Arendt recorreu às correspondências de Rahel que haviam sido publicadas por seu marido Karl Auguste Varnhagen von Ense e também a materiais inéditos da Biblioteca Estatal da Prússia. Como explica a biógrafa de Arendt, não se trata de um livro sobre a vida de Rahel, como induz o subtítulo do livro, mas “a vida de um pensamento pensado por uma judia. [...] Da maneira que ela o escreveu, o livro é o relato de uma mulher do século XX sobre a busca de uma mulher do século XVIII por uma pátria de amizade”.²

Alguns comentadores da obra de Arendt afirmam haver um efeito espelho nesta biografia de Rahel. Temas como a identidade judaica, a questão da assimilação dos judeus na Alemanha; a busca pela individualidade e pelo reconhecimento da singularidade; a juventude de ambas, suas decepções amorosas, a inserção de biógrafa e biografada em círculos culturais e intelectuais de expressão, as relações de amizade e a prática epistolar que ambas cultivaram, constituem alguns dos vínculos possíveis que a escrita pôde estabelecer.

Partindo desta questão do efeito espelho produzido pela biografia, pode-se pensar na ausência de uma reflexão mais aprofundada, por parte de

1 ARENDT, Hannah. *Rahel, a vida de uma judia alemã na época do Romantismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

2 YOUNG-BRUEHL, Elizabeth. *Por amor ao mundo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1997. p. 92.

Arendt, a respeito da subordinação feminina e do estatuto secundário e mesmo inferior das mulheres na época de Rahel e também na época da juventude de Hannah. Ao analisar a abordagem de Hannah Arendt e seu método biográfico, Seyla Benhabib comenta o estranhamento existente entre Hannah Arendt e o feminismo, que talvez explicasse a sua recusa em problematizar a vida de Rahel levando em conta os limites culturais e sociais colocados às mulheres, mesmo aquelas que como Rahel conseguiram forçá-los e sobrepor-se a eles.³ Se a questão judaica ocupa um lugar central na produção do pensamento político de Arendt, o mesmo não ocorre com a chamada questão da mulher, que longe de ser uma questão relacionada à esfera da vida privada, tem dimensões políticas incontornáveis relacionadas à alteridade, à naturalização e à exclusão. Apesar do interessante debate que a recusa ao feminismo por parte de Arendt possa suscitar, a leitura de seu livro sobre uma mulher judia que viveu entre o Iluminismo e o Romantismo, levou-me para um outro registro, presente tanto na vida de Rahel quanto na de Hannah: o registro da amizade.

Parto de uma reflexão inspirada pela “pátria da amizade” idealizada e vivida temporariamente por Rahel, para pensar na amizade mista e heterossocial que uniu homens e mulheres em espaços de sociabilidade muito específicos, cultural e historicamente: os salões iluministas franceses, modelos do salão mantido por Rahel, como veremos.

Rahel Levin, seu nome familiar, era uma jovem sem muitos talentos, não era dotada de beleza marcante e embora seu pai fosse um homem rico, ela caiu na dependência econômica dos irmãos. Como explica Hannah Arendt, Rahel interpretava sua origem judaica como um destino marcado pela desgraça e pela infelicidade. Frente a tantas dificuldades e a este destino só restou a Rahel o pensar, atitude completamente coerente com o otimismo racionalista do Iluminismo e a definição kantiana de maioridade: pensar por si próprio. Diz Arendt:

Aos 24 anos Rahel não havia experimentado nada, sua vida não tinha qualquer conteúdo pessoal, mas almejava a felicidade.

3 BENHABIB, Seyla. *The reluctant modernism of Hannah Arendt*. California: Sage Publications, 1996.

Desvia-se do individual pela abstração, transforma o anseio por ser feliz em paixão pela verdade.⁴

Sua busca pela afirmação da individualidade, pela necessidade de ser alguém e pelo conhecimento explicam a trajetória desta mulher que viveu numa época na qual ambições como estas não eram adequadas às mulheres. Um novo modelo de feminilidade começava a ser valorizado e difundido pelos romances e manuais de educação para meninas desde meados do século XVIII: a mulher sensível, virtuosa, culta, porém modesta, moldada para o exercício de funções naturais e morais que uma nova concepção política da maternidade exaltava.⁵

Rahel trilhou outro caminho, embora ansiasse por um bom casamento, forma socialmente adequada para a assimilação tão desejada. Ela se casou mais tardiamente, em 1814, com o jovem burguês Karl August, 14 anos mais jovem do que ela, um homem sem grandes talentos, mas que graças a vários contatos e conexões com militares e políticos conseguiu ascender socialmente, levando Rahel neste movimento ascensional, conseguindo ela a sua cidadania prussiana. Observemos mais de perto o momento da biografia de Rahel no qual ela constrói-se a si mesma num movimento seguido por outras mulheres ao longo do século XVIII, tão ou mais famosas do que ela. Refiro-me à sociabilidade dos salões e à importância das relações de amizade para os homens, mas especialmente para as mulheres que desejavam mais do que o enaltecimento da maternidade e a condescendência das convenções sociais.

Rahel fez muitas amizades, tanto com homens, quanto com mulheres e suas correspondências atestam estes vínculos amistosos. Contudo, foi no seu salão que as relações de amizade se consolidaram e novas foram estabelecidas. Através das amizades Rahel conseguiu criar um lugar para si não no sentido burguês e intimista, mas no sentido iluminista de um indivíduo social, dotado de personalidade, charme, “espírito” e conhecimento. Ela não era uma mulher de letras ou de ciência, mas manejava bem os requisitos necessários para a vida social, sendo capaz de agregar com sua

4 ARENDT, Hannah. *Rahel, a vida de uma judia alemã na época do Romantismo*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994. p. 25.

5 BADINTER, Elisabeth. *Um amor conquistador: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

inteligência e personalidade, pessoas bastante diferentes ao seu redor; de estabelecer um espaço de conversação franca, de atualização, de trocas culturais e também do prazer de estar juntos.

É no contexto reformista que vinha se configurando na Alemanha desde a época de Frederico II (1740-1786), esta época de esclarecimento, como disse Kant, que foi possível a constituição de um espaço de sociabilidades como os salões judeus berlinenses. Estes espaços se organizaram em torno da amizade, da cordialidade, da arte da conversação e do debate de idéias, enfim, um espaço no qual se podia fazer o uso público da razão, para citarmos novamente Kant. Além do contexto do reformismo ilustrado prussiano, há que se registrar a difusão cultural do iluminismo francês, não somente pelos escritos dos *philosophes* famosos e reconhecidos no cenário europeu (Voltaire, Diderot e Rousseau principalmente), mas também pelos costumes, esta expressão tão setecentista que se referia ao conjunto de comportamentos, hábitos, maneiras e estilos de viver que diferenciavam as sociedades civilizadas das dos selvagens. E no reino dos costumes as mulheres reinavam absolutas, bastava observar como as damas francesas de alta e média extração social conseguiam há bastante tempo impor códigos de conduta e de comportamento.⁶

Os salões berlinenses se espelharam no modelo dos salões franceses, a começar pelo papel ocupado pelas *salonnières*, estas mulheres cultas, refinadas e educadas que por sua origem social ou através de casamentos com homens ricos e bem posicionados socialmente, conseguiram uma margem de autonomia que as suas descendentes burguesas do século XIX jamais conseguiriam sonhar. As *salonnières* da época do Iluminismo eram pessoas ativas nestes espaços nos quais se reunia uma sociedade seleta; suas impressões, opiniões e julgamentos contavam muito entre seus pares e amigos; elas tinham um papel político nada desprezível, conseguindo alavancar carreiras filosóficas, literárias e artísticas, bem como carreiras diplomáticas e militares graças aos seus contatos e à rede de influência na sociedade de corte. Mas, antes de pensarmos nelas como mulheres ricas e influentes devido exclusivamente à sua posição social, temos que lembrar

6 DULONG, Claude. Da conversação à criação. In: FARGE, Arlette; DAVIS, Natalie Zemon. (Orgs.). *História das mulheres: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto/São Paulo: Edições Afrontamento/EBRADIL, 1994.

que grande parte desta importância social e cultural se deve a elas mesmas; a estas mulheres que se fizeram movidas pela ambição, pelo conhecimento e pela educação que tiveram e que aperfeiçoaram junto aos seus amigos e amigas.

As mulheres judias berlinenses desempenharam este papel de agentes da cultura refinada, da arte da amizade e atuaram também como agentes de assimilação social, ajudando a criar “uma alta cultura entre o final do Iluminismo e o início do Romantismo”, como verdadeiras mecenas da inteligência, parafraseando Benhabib. Como novas esferas públicas os salões judeus berlinenses de fins do século XVIII reduziram as distâncias sociais decorrentes das diferenças de classe, de religião e também de gênero, “criando as quatro paredes dentro das quais novas formas de sociabilidade e intimidade puderam se desenvolver entre os indivíduos de uma emergente sociedade civil.”⁷

Contudo, o dinheiro não era uma condição *sine qua non* para uma mulher se tornar *salonnière*. Os princípios igualitários e a valorização da cultura e do conhecimento proporcionaram as condições favoráveis para que uma mulher de extratos sociais mais inferiores (pequena nobreza e burguesia) pudesse manter um salão numa residência mais modesta e com pouco dinheiro. Este foi o caso da famosa *salonnière* dos Enciclopedistas, Mme. de Lespinasse, filha ilegítima e de poucas posses, e também o caso de Rahel. Ela recebeu no sótão de sua casa modesta durante 11 anos (1795-1806) e lá se reuniam visitantes de todos os círculos sociais de Berlin. O que tornava possível esta sociabilidade? Como dar coesão a um grupo tão heterogêneo? Segundo Hannah Arendt a resposta a esta pergunta não está no clichê da “personalidade cultivada” dos frequentadores, mas sim na originalidade, na astúcia e no “vivo frescor” da própria Rahel.

Esta interpretação de Hannah Arendt nos remete à excepcionalidade de Rahel e de tantas outras mulheres de sua época, contudo não podemos nos contentar com esta explicação, apesar de reconhecer a importância das escolhas individuais e da potência do desejo como móvel das ações humanas. A leitura da biografia de Rahel nos levou para outras experiências semelhantes à dela; para outras mulheres que atuaram como intermediadoras,

7 BENHABIB, Seyla. *The reluctant modernism of Hannah Arendt*. California: Sage Publications, 1996. p. 16.

mecenas, autoras, críticas, enfim, mulheres que desempenharam um papel cultural notável no século XVIII, pouco conhecidas por nós, mas muito famosas na sua época.

Se a memória histórica as relegou para os escaninhos das curiosidades aristocráticas do século das Luzes, a história das mulheres as resgatou do esquecimento e da condescendência dos críticos do século XIX, restabelecendo seu lugar na cultura e na sociedade. Por muito tempo os salões não suscitaram interesse entre os historiadores da cultura, citados somente como parte da experiência dos filósofos iluministas, como cenário de suas biografias. Há poucas exceções no século XIX, como Victor Cousin e Saint Beuve, autores que escreveram sobre algumas *salonnières* dos séculos XVII e XVIII e também sobre as mulheres que se destacaram como escritoras no contexto das Luzes. Foi através do trabalho pioneiro de Amelia Gere Mason que escreveu o livro *The Women of French Salons*, publicado em 1891 e das pesquisas desenvolvidas nas últimas três décadas pelas historiadoras comprometidas com o projeto da história das mulheres, que foi possível conhecer o mundo dos salões e das mulheres que os criaram e mantiveram.⁸

Partindo do salão de Rahel na Alemanha de fins do século XVIII procuramos refazer o caminho que chega até ela e seus amigos; um caminho compartilhado por outros homens e outras mulheres que não se conheceram necessariamente e nem viveram no mesmo país, mas que conheceram experiências semelhantes e, mais importante, pertenceram à mesma pátria, a pátria da amizade. Entender o papel de Rahel e outras *salonnières* judias desta época e o significado dos espaços que criaram e sustentaram, requer uma análise que vá além da excepcionalidade de suas personalidades. É preciso entender esta experiência a partir da tradição e da difusão cultural de um modelo de sociabilidade e de um ideal de humanidade, ambos baseados na amizade, na polidez, no conhecimento e na transgressão das hierarquias.

Para falar deste modelo criado e difundido pelos salões gostaria de pensá-lo como uma utopia amistosa, este lugar perfeito e ideal no qual se

8 O livro de Amelia Mason encontra-se disponível no site <www.worldwideschool.org>. Cf. também: BADINTER, Elisabeth. *Mme. du Châtelet, Mme. d'Épinay ou l'ambition féminine au XVIIIe siècle*. Paris: Flammarion, 2006. Sobre os salões, mas sem uma abordagem de gênero, cf. LILTI, Antoine. *Le monde des salons: sociabilité et mondanité à Paris au XVIIIe siècle*. Paris: Fayard, 2005.

conjuga a filosofia com a polidez por parte de uma sociedade seleta de homens e mulheres que se reconhecem como pares porque compartilham vínculos amistosos.⁹ A idealização de uma vida perfeita para poucos, que comungam dos mesmos valores elevados e do prazer de estar juntos, já estava presente nos círculos formados ao redor de rainhas e princesas renascentistas, como Margarida de Angouleme, Margarida Valois, Elizabeth I, ou das grandes senhoras italianas tão bem retratadas no livro “O Corte-são”, de Baldassare Castiglione. Contudo, estas são sociabilidades cortesãs fundamentalmente, marcadas pelo respeito às hierarquias sociais e por uma concepção neoplatônica da grande dama que, apesar de agregar ao seu redor tantos espíritos esclarecidos, mantém uma distância respeitosa adequada à sua posição social e ao domínio que exerce sobre os seus súditos.

Os salões se constituem fora da sociedade de corte. Suas origens seiscentistas estão ligadas à aristocracia e ao modelo da sociedade de corte, da qual diferem pelo papel desempenhado pelas mulheres e pelo tipo de sociabilidade ali estabelecida. Como bem explica Seyla Benhabib, diferente da sociedade de corte, os salões são espaços sociais que promovem novas formas de interação social e de gênero, debates e trocas culturais e artísticas e, principalmente, são experimentos sociais no qual se criaram novos e transgressores modos de representação de si e dos outros.

Os primeiros salões são criados na França, no século XVII, por mulheres aristocratas que descontentes com a vida social na corte, abrem as portas de seus aposentos mais amplos e bem decorados para acolher pessoas de sua eleição. Estas pessoas são fundamentalmente filósofos, artistas, poetas, ou aqueles que de uma forma ou de outra se distinguiam pelo talento, pela presença de espírito, beleza e mesmo por nascimento. Refiro-me aos salões de Mme. de Rambouillet, Mme. de La Fayette e Mme de Sevigne, para ficarmos somente com algumas das mais famosas e que encabeçam uma lista de notáveis anfitriãs do século XVII. Se pensarmos numa tipologia podemos dizer que são mulheres ricas, oriundas de famílias da alta nobreza, todas bem educadas, dominando dois ou mais idiomas, além do código da etiqueta. Mme. de Rambouillet é considerada o arquétipo das *salonnières*. Segundo Mason, sua posição social permitiu que formasse uma sociedade

9 VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.

seleta a partir de uma nova base, no entanto, prevalecia a nobreza no seu salão. Ela fez questão de manter um severo código de etiqueta. Seu modelo de sociedade seleta era ainda muito próximo daquele imortalizado por Castiglione, ocupando a dama um lugar central, sendo enaltecida pelos poetas que a ela se dirigiam usando nomes como Astréia e Arthenice, cultivando a galanteria e o amor elevado nos moldes d'Os Assolani de Pietro Bembo e do livro quarto d'O Cortesão:

Os poetas, os homens de letras em geral, têm outras utilidades. Servem de preceptores benévolos às damas, fazem em casa delas leituras de obras novas, fornecem temas para a conversação. Mas seriam banidos se não se conformassem, também eles, a um comportamento de rigor. E não apenas nas suas maneiras, mas também nas suas produções, reformando o seu estilo e, em certa medida, a sua maneira de pensar.¹⁰

Ao longo do século XVII, especialmente após os conflitos da Fronda que dividiram a França na menoridade de Luís XIV, aumentou o número de salões, surgindo também os salões burgueses, satirizados por Molière nas *Preciosas Ridículas* e nas *Mulheres Sábias*. A expressão *précieuse* passa a ser usada após a Fronda (1654) para designar as mulheres que não mais se contentavam em ser idolatradas como Astréia, mas que desejavam ter acesso ao conhecimento e à autonomia. São os salões das preciosas que vão introduzir novos padrões de comportamento.

Podemos afirmar, sem correr o risco do anacronismo, que nos salões seiscentistas das preciosas se delineou o que podemos chamar de proto-feminismo, ou seja, uma atitude inconformista com as convenções sociais e as idéias em voga a respeito da inferioridade do sexo feminino e da incapacidade das mulheres para tratar de assuntos tão sérios como a filosofia, a ciência, as artes; enfim, qualquer forma de manifestação da inteligência e da reflexão. As preciosas defendiam a capacidade feminina de reflexão e pensamento crítico desde que às mulheres fosse franqueada a educação, o acesso à cultura escrita e à erudição. Quanto à moralidade e aos costumes

10 DULONG, Claude. Da conversação à criação. In: FARGE, Arlette; DAVIS, Natalie Zemon (Orgs.). *História das mulheres: do Renascimento à Idade Moderna*. Porto/São Paulo: Edições Afrontamento/EBRADIL, 1994. p. 477.

nada havia a temer, pois a história era testemunha do valor das mulheres cultas, algo que já havia sido tema de uma polêmica que se iniciara no século XV, com Christine de Pizan, a chamada “querelle des femmes”. As preciosas também criticavam a sujeição feminina estabelecida pelos códigos sociais, jurídicos e religiosos. Muitas delas expressaram por escrito estas críticas, formuladas principalmente contra o casamento e a maternidade, nesta época interpretados como verdadeiras prisões que impediam o desenvolvimento intelectual e a autonomia das mulheres.

Certamente que estas mulheres ricas e bem posicionadas não chegaram a formular uma crítica à sociedade que as oprimia, nem conseguiram olhar para baixo para perceber que esta opressão era diferenciada de acordo com outras clivagens sociais. No entanto, souberam articular seus interesses de autonomia com os interesses de outros indivíduos de extratos sociais inferiores ou próximos aos delas, dotados de inteligência e ambição, também insatisfeitos com as barreiras impostas por uma sociedade hierárquica, senhorial e pouco porosa. Desta forma, mesmo tomando como modelo a sociedade de corte, com seus códigos de etiqueta, seus modelos calculados de conduta e de eloquência e a personalização do poder – neste caso não o poder monárquico, mas o poder da grande dama – um novo espaço de relações sociais menos verticalizadas começou a se configurar. Assim, os salões são conservadores na sua estrutura e na sua concepção inicial, mas inovam com o passar do tempo e com a ampliação dos interesses das mulheres, introduzindo novas formas de sociabilidade, não mais fundadas nas precedências, nos privilégios e nas posições sociais ocupadas na hierarquia, mas na cultura, no prazer da conversação e principalmente no cultivo da amizade.

Um registro importante desta transformação dos salões em espaços mais igualitários e de cultivo da amizade está na intensa e numerosa correspondência mantida pelas *sallonières* dos séculos XVII e XVIII. O gênero epistolar é uma verdadeira arte do entre-si, como define Anne Vincent-Buffault, marcado por um estilo de escrita mais confessional, mais livre, que permite o acesso à intimidade e aos recessos da alma. Esta prática era muito comum e enaltecida desde a época dos humanistas, que estabeleceram uma verdadeira rede epistolar entre o sul e o norte europeu. São famosas as cartas trocadas entre Erasmo e seus amigos humanistas de diferentes regiões da Europa, bem como toda uma rede de amizades viris que se constitui e se consolida nos primeiros séculos da modernidade. Se nos

salões a palavra falada é estimulada como parte de uma sociabilidade franca e prazerosa, a palavra escrita que lhe corresponde é aquela da carta, como se fosse uma continuidade e um registro material da palavra falada dos encontros semanais entre homens e mulheres unidos pelo vínculo amistoso. Ao longo do século XVIII esta ligação entre amizade, sociabilidades de salão e gênero epistolar se estreita, formando um verdadeiro modelo de existência, mais permeável à igualdade dos sexos, à intimidade, à troca efusiva de afetos. Segundo Vincent-Bufferault,

[...] a prática epistolar é sentida como um sinal de amizade, como um simples prolongamento da convivência amistosa da conversa que ela pretende imitar, dando a ilusão da oralidade, mas também como um testemunho que deixa vestígio. (...) De fato, como na correspondência amorosa, a encenação da ausência e da falta determina a retórica epistolar. Mas a amizade abranda o excesso de sofrimento e da exigência de amor pela escrita e extrai dessa atividade as inspiradas alegrias da amizade, alegrias do espírito e do pensamento do outro tais como Montaigne já as havia explorado nos Ensaios.¹¹

É através das cartas e de alguns tratados sobre a amizade escritos e bastante difundidos especialmente no século XVIII, que podemos perceber a importância dada a este tipo de relação e, para o que nos interessa em particular, sobre a possibilidade da amizade entre homens e mulheres. Algumas mulheres escreveram tratados sobre a amizade como Mme. Thiroux d'Arronville, autora do livro *De l'amitié* (1761) e a famosa *salonnière* Mme. de Lambert e seu *Traité de l'amitié*. (1734) Estas obras tratam da importância da amizade, de como selecionar os amigos e mantê-los, sendo também manuais de civilidade, pois ter e manter amigos demanda o equilíbrio entre sensibilidade, virtudes, sinceridade, sentimentos e a razão; exercício da razão e da sensibilidade ao mesmo tempo.

As amizades viris são bastante conhecidas e não há necessidade de nos determos na longa tradição de enaltecimento dos vínculos amistosos entre os homens. Já as amizades femininas são menos conhecidas, pois por

11 VINCENT-BUFFAULT, Anne. *Da amizade: uma história do exercício da amizade nos séculos XVIII e XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 21.

muito tempo não se considerava possível que mulheres mantivessem este tipo de relação devido ao estereótipo da tagarelice e das rivalidades femininas, mas principalmente porque se considerava que as mulheres eram tão incapazes para tantas coisas que seria impossível imaginar que fossem capazes de manter uma relação ou um sentimento tão elevado e enaltecido como a amizade. A escrita feminina dos séculos XVII e XVIII coloca em xeque este estereótipo ao associar a amizade com a virtude e a civilidade, atributos que eram na época também associados à feminilidade. As cartas que trocaram por tantos anos com homens e outras mulheres não só testemunharam suas relações de amizade, mas também a capacidade feminina para criar e manter tais vínculos. Da mesma forma, o gênero epistolar atestava o talento social daquelas mulheres, bem como suas habilidades na arte de escrever, de falar com graça e sabedoria e de aproximar talentos e personalidades tão diversificados, criando aquela sociedade seleta à qual já nos referimos.

As correspondências trocadas entre as *salonnières* e seus amigos homens são documentos privilegiados para pensarmos a possibilidade das relações de gênero através da amizade. Gostaria de sublinhar que estas relações não eram somente de amizade. Ao lermos sobre a vida e as idéias destas mulheres nota-se que muitas vezes uma relação de amizade tornou-se uma relação amorosa e vice-versa. São famosos os casais de amigos e amantes do século XVIII: Madame de Châtelet e Voltaire (numa carta de Voltaire a um amigo, datada de 3 de novembro de 1735, ele assim define sua relação com Émilie: “*Nous sommes des philosophes très voluptueux.*”), Madame d’Épinay e Grimm; Mlle. De Lespinasse e D’Alambert. Mas estes casais ligados *pelo coração e pelo espírito* eram mais incomuns e não vamos nos deter neste tipo de relação.”¹²

Por mais que o estilo romântico passe a predominar nas cartas (à moda do romance *A Nova Heloísa*, de Rousseau), especialmente naquelas que foram escritas na segunda metade do século XVIII, nota-se que mulheres e homens que compartilhavam os mesmos espaços e ideais também expressavam o mesmo contentamento em se descobrirem próximos uns dos outros; em poder manter a conversação, as trocas culturais, as informações.

12 BADINTER, Elisabeth. 2006. Ver em especial o capítulo IV. A citação de Voltaire encontra-se na p. 248.

Não podemos esquecer que as mulheres de então, por mais liberadas que fossem das obrigações conjugais após terem dado à luz, permitindo-se a distância da família, do marido e às vezes dos filhos, não podiam circular tão livremente, nem viajar com frequência para outros países, como podiam seus amigos. Assim, foi pela amizade que elas conseguiram se atualizar, manterem-se informadas de tudo que acontecia, lendo as últimas publicações de seus amigos, debatendo idéias com eles através dos encontros nos salões ou pelas cartas.

Chega a ser tocante a forma como elas se dirigem a eles, exigindo atenção, cuidados, retorno, juras de amizade e cumplicidade. Não se compara, certamente, com as cartas de amantes, pois o que os une não é o amor, mas sim a amizade, sempre lembrada e enaltecida. Vejamos duas passagens:

Paris, 28 de outubro de 1759. Vossa última carta, senhor, é divina. Se me escrevêsseis com frequência cartas semelhantes, eu seria a mulher mais feliz do mundo e não me queixaria da falta de leitura.[...]Paris, 8 de fevereiro de 1760. Sois realmente muito avaro comigo, senhor, e jamais me escreveríeis se não fosse por resposta. Desde vossa última carta, eu estive doente quase o tempo todo. Teria tido grande necessidade de que cuidásseis de mim; tudo o que me vem de vós tira-me da letargia que se torna praticamente meu estado costumeiro; jamais vossas cartas ou vossas obras poderiam chegar em má hora, sois para mim o único homem vivo que existe no mundo.¹³

Estas duas cartas fazem parte da grande coleção de correspondências de Mme. Du Deffand ou Marquesa Du Deffand, cujo salão em Paris foi muito famoso e freqüentado por homens como Montesquieu e D'Alembert. Ela manteve uma relação de amizade por mais de 40 anos com Voltaire. Suas cartas foram publicadas e são deliciosas de se ler. Há inteligência e sagacidade na crítica aos costumes, no conhecimento que ela demonstra dos clássicos e especialmente das obras de seu amigo famoso. Apesar de ser uma mulher inteligente, rica e relativamente independente de seu mari-

13 DU DEFFAND, Madame. *Cartas a Voltaire*. São Paulo: Mandarim, 1996. p. 33, 37.

do, ela também sofria do tédio que acometia muitas das mulheres da nobreza, conscientes dos limites impostos a elas. Foi através das relações de amizade que mulheres como a Marquesa Du Deffand contornaram as limitações da época, os determinismos e condicionamentos.

Como bem analisou Elizabeth Badinter, a ambição feminina pelo conhecimento e a cultura contou com a intermediação dos homens, que se não lhes facilitaram o acesso ao poder, por outro lado, as estimularam e mesmo as ajudaram. Dificilmente elas conseguiriam vencer os obstáculos ideológicos à individualidade e à auto-representação a partir de instituições como a família e o casamento porque reproduziam o modelo dicotômico e hierárquico de gênero, fundado, por sua vez, na dominação masculina e na subordinação feminina. A amizade, por sua natureza igualitária, introduziu um novo tipo de relação entre homens e mulheres que parecia ser impossível, a não ser para grupos muito reduzidos de pessoas. Gostaríamos de lembrar das amizades espirituais, tão praticadas a partir do século XVII e XVIII, aproximando homens e mulheres pietistas, para reforçar como um novo modelo de relações de gênero começou a ser experimentado tanto no meio religioso protestante, quanto nos círculos galantes e filosóficos dos salões.

Não é por mera coincidência que as mulheres foram as responsáveis pelo enaltecimento da amizade mista. Na verdade foram elas as principais defensoras deste tipo de amizade, pois sabiam o quanto uma nova forma de relação com os homens, que não fosse baseada nos laços de família, de casamento e de autoridade, era fundamental para suas pretensões e ambições. Ter nos homens companheiros, confidentes, admiradores e parceiros era estratégico para as mulheres. É certo que eles não foram os responsáveis diretos pela construção do nome das grandes damas dos salões europeus dos séculos XVII e XVIII, mas o fato de agregarem suas próprias famas e reputações ao nome desta ou daquela *salonnière* foi importante, pois deu credibilidade não só ao espaço de sociabilidade que elas criaram e mantiveram como contribuiu para a transformação destes espaços em lugares de cultura refinada e de conhecimento.

Cabe ainda ressaltar como as relações de gênero fundadas na amizade foram importantes também para os homens. Os salões propiciaram as condições essenciais para a divulgação das obras e das idéias dos filósofos, homens de letras e artistas. Numa época em que a divulgação das idéias e das obras é ainda limitada, contar com um espaço cultural como os salões

era fundamental. Ter uma obra lida e comentada por um público seleto passou a ser um privilégio mais freqüente e franqueado, graças às anfitriãs que abriam as portas de seus salões para um público mais diferenciado socialmente, ultrapassando as barreiras colocadas pelas hierarquias sociais, religiosas e de gênero. Além disso, muitas mulheres exerciam uma considerável influência política devido às redes de sociabilidade estabelecidas pelos laços de parentesco e trocas de favores. Desta forma podiam pedir alguma benesse, proteção ou simplesmente indicar este ou aquele autor e artista, o que podia fazer uma grande diferença nas carreiras de homens oriundos de extratos sociais menos privilegiados.

Os salões franceses que neste artigo procuramos traçar os contornos forneceram os modelos para outros salões criados no final do século XVIII na Inglaterra e na Alemanha. Estes espaços variaram conforme o meio cultural, mas em todos se nota a importância das mulheres não como simples anfitriãs, mas como indivíduos capazes, eloqüentes, inteligentes e espirituosos, que conseguem agregar outros indivíduos com as mesmas qualidades em torno de um ideal de sociabilidade culta, amistosa e prazerosa. Outro aspecto comum diz respeito às amizades mistas, que encontram nestes espaços o lugar propício para florescer. Homens e mulheres formam uma sociedade seleta de iguais, apesar da rígida divisão social de gênero; ambos cultivam o ideal de uma nova humanidade, fundada na razão e na sensibilidade.

Os salões judeus que tiveram sua época áurea na Berlim de finais do século XVIII são, portanto, herdeiros desta sociabilidade amistosa que procuramos aqui analisar historicamente. Rahel e outras judias alemãs criaram espaços de sociabilidade talvez mais porosos, mais heterogêneos do que suas antecessoras francesas, mas em ambos os contextos verifica-se este notável fenômeno da transgressão das fronteiras de gênero pela amizade, algo que talvez precisemos reaprender, pois herdeiros que somos da segregação sexual temos dificuldade em pensar as relações de gênero que não seja pelo viés da dominação e da diferença.

Para concluir, gostaria de brevemente comentar que esta dificuldade também se fez presente no pensamento e na crítica feminista contemporânea. Os feminismos do século XIX, das primeiras três décadas do século XX e das décadas de 1960 e 1970 foram fortemente marcados pela crítica à dominação masculina e às desigualdades sociais fundadas nas diferenças sexuais. O recrudescimento da crítica social e a necessidade circunstancial

de enfrentamentos políticos por parte das feministas, as levaram, em alguns momentos, a defender uma concepção romântica e universalizante de feminilidade. Num mundo hostil às mulheres, muitas feministas se refugiaram na utopia da fraternidade feminina alicerçada numa concepção moral de feminilidade e na idéia de universalidade da opressão. Assim, a amizade só seria possível entre mulheres que compartilhavam da mesma condição social e histórica da opressão, mas que também se reconheciam como indivíduos morais mais íntegros, dotadas de maior sensibilidade para com os que sofriam – daí o sucesso do feminismo maternalista e do pacifismo. Não estou afirmando que todas as feministas se refugiaram na fraternidade feminina, mas sim que esta idéia ganhou muitas adeptas, especialmente na segunda onda do feminismo (décadas de 1960 e 1970). A possibilidade da amizade entre homens e mulheres encontrou muitas resistências, inclusive num movimento igualitário como o feminismo.

Talvez Rahel e as *salonnières* francesas possam nos ensinar a irrigar novamente a arte da amizade entre homens e mulheres e revalorizar o seu papel na configuração de uma esfera pública mais democrática, igualitária e prazerosa.